



REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA LITERATURA: DIREÇÕES, DIÁLOGOS, DESAFIOS

Wellington Rogério da Silva

Doutor em Letras pela UFJF. Estágio doutoral: Université Sorbonne Nouvelle Paris 3

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7174-1541>

E-mail: wellingdasilva@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca prover a necessidade de elaboração de argumentos em prol da interface entre Geografia e Literatura, pelo viés analítico, comparativo e reflexivo. Apontamos possibilidades, expondo metodologias concernentes a este trabalho, trazendo alguma origem desta intercessão e apresentando autores que se debruçam sobre o estudo do texto literário na conexão com as espacialidades, como signos operadores no discurso da geografia.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Espacialidade. Metodologia.

ABSTRACT

This article seeks to provide the need to elaborate arguments in favor of the interface between Geography and Literature, through the analytical, comparative and reflective bias. We point out possibilities, exposing methodologies related to this work, bringing some source of this intercession and presenting authors who focus on the study of literary text in connection with spatialities, as operator signs in the discourse of geography.

Keywords: Geography. Literature. Spatiality. Methodology.

INTRODUÇÃO

Pensar o espaço nos Estudos literários consiste primeiramente em partir da conjugação dos elementos que se envolvem nessa imbricação, da perspectiva mais concreta à mais simbólica. Trata-se de uma interface,

obviamente, mas que carece de pontos previamente definidos ou, pelo menos, expostos. Perguntamo-nos então por suas origens, reportando-nos à história. Assim fazendo, surge a necessidade de terminologias adequadas a essa relação entre estas duas disciplinas e áreas distintas do conhecimento: Geografia e Literatura. Em seguida, será preciso refletir sobre os possíveis encaminhamentos de uma metodologia e, por fim, consideramos necessário pensar sobre os problemas epistemológicos que surgem nesta perspectiva de análise. Esse processo é profícuo em provocar reflexões e apontar direções, mas também assinala os desafios que a própria complexidade impõe.

Para apontar o objeto de análise, optamos, neste trabalho, pela primazia do lugar de enunciação do pesquisador na área dos Estudos literários, na conjugação com o lugar do geógrafo, na tentativa de recuar de quaisquer relações de força. Apelo para a incerteza do olhar do geógrafo diante dos limites do pesquisador das Letras, mas acredito que o texto servirá pelo menos de elemento motivador, apesar de seu caráter essencialmente teórico e reflexivo.

O primeiro caminho que tomamos consiste em considerar que, para este tipo de pesquisa, a Geografia e a Literatura seriam disciplinas de convergência. Não se trataria, portanto, de uma geografia enquanto teoria a serviço do texto literário, mas uma lente através da qual podemos enxergá-lo. Para o geógrafo, trata-se de investigações de uma relação tanto concreta quanto afetiva e simbólica, todas unindo o homem aos lugares nos quais se fixam ou em sua espacialização temporal. Na perspectiva do pesquisador dos Estudos literários, um olhar mais atento ao espaço em que se desdobra o texto, no decurso do tempo.

Contudo, há de se perceber que as relações entre a Geografia e a Literatura “não deveriam jamais levar ao ato consumado de uma geografia cultural” (COLLOT, 2014), pois as aproximações entre as duas áreas não discorreriam em uma síntese representada por uma terceira disciplina. Diríamos ainda, de acordo com Brosseau (2008, p. 422-23), que inscreveu a

noção de *roman-géographe*, que a escolha, sobretudo do geógrafo, pelo texto literário, não se limitaria à abundância de descrições topológicas que eventualmente facilitariam o trabalho de análise, mas ao enriquecimento de geografias alternativas.

Mesmo um referente desertado do romance ou uma espacialidade menos concreta podem ser vistos sob as lentes da geografia, dada a permeabilidade que tal análise preconiza. Enfim, o texto literário não é necessariamente utilizado como documento unicamente geográfico, embora assim se possa fazer. Convocar, portanto, o texto literário, compreendendo-o em suas relações com o espaço, é uma aposta que envolveria não só a escolha de um *corpus*, mas a sensibilidade em enxergar a espacialidade a partir da qual seja possível reconhecer as habitações no interior do próprio texto, tanto na narrativa quanto na poesia.

Além disso, é necessário considerar o caráter que se apresenta na urdidura do texto, desde os diálogos entre espaços que se atravessam em suas mobilidades, passando pelos cruzamentos que se constroem a partir das relações de poder e de disseminação cultural, até a própria espacialização nos âmbitos editorial, narrativo, narratológico, textual, linguístico e outros que eventualmente surgem à medida que a leitura avança em seu caráter analítico. No plano da narrativa, não é raro encontrarmos geografias alternativas construídas na esfera da linguagem e da forma.

Às vezes, é a língua que se impõe como mediadora e, em outros momentos, surgem, inicialmente, aporias, que devem ceder lugar à busca de soluções para certos espaços selecionados, enquanto outros são ocultados. Em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, o espaço não é nem coagulado e pronto para ser descrito, e nem descritível *a priori*, mas é uma construção tecida pela linguagem.

No consórcio com a geografia, o espaço representado cederia o caráter peremptório de previsibilidade dos aspectos mais comuns que se poderiam esperar, para então se lançar na contingência e em outras

possibilidades que o texto literário fornece. A inviabilidade da finitude nas interconexões entre o texto literário e a geografia é manifesta na ampla rede permeada de “rizomas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995). É desse modo que podemos, inicialmente, considerar a literatura, segundo Barthes (1978), como o monumento que contém todas as disciplinas, inclusive em sua aproximação com as metáforas de natureza geográfica. E aqui se apresentam os desafios.

O título deste artigo foi construído a partir de dois princípios. Na primeira parte, “Representações do espaço na literatura”, encontramos o sentido geral de uma abordagem sobre as interseções entre as disciplinas Geografia e Literatura, concebendo o espaço como modo de representação no texto literário. Na segunda, “direções, diálogos, desafios”, três propostas que, somadas, propõem uma reflexão, apontam possibilidades e se contentam com algumas fronteiras porosas que se constroem nessa parceria entre esses dois vastos campos do saber humano.

Collot (2014) propõe essa direção necessária da dimensão espacial nos Estudos literários, cujo ponto de partida seria a compreensão da existência dessa interface na qualidade de disciplina científica ou como um novo ramo do conhecimento. Sobre esse aspecto, o referido autor utiliza a expressão *géographie littéraire*, que até então tem sido traduzida em língua portuguesa brasileira como “geografia literária”.

Como a tradução tende a se tornar um tropeço para o pensamento epistemológico em torno de uma noção ainda recente, sobretudo no Brasil, optamos por mencioná-la quando julgarmos pertinente, ainda que de modo cuidadoso: recentes trabalhos no Brasil, tanto da parte dos geógrafos quanto dos literários, têm-se pautado por uma terminologia traduzida diretamente do francês.

Contudo, devemos pensar que o significante, uma vez traduzido, deve reenviar ao significado a sua potência: haveria uma literatura geográfica tanto quanto uma geografia literária? Já tivemos uma contribuição muito pertinente por meio do trabalho desenvolvido por Olga Soubbotnik (2002) no

que se refere à dupla perspectiva de trabalho entre o que a autora chama de “literatura e psicanálise”, por um lado, e de “psicanálise e literatura”, por outro. É o que esboçaremos a seguir.

No primeiro caso, literatura e psicanálise é um campo de pesquisa voltado principalmente para os Estudos literários. Nesse processo de pesquisa, há um leitor-crítico que ocupa uma posição de analisante diante do texto literário, e a teoria psicanalítica é quem sustenta o que foi anteriormente produzido pela fruição do leitor. Na interseção entre psicanálise e literatura, em ordem inversa, é o analista que está diante do texto na qualidade de leitor-crítico-analista. Ele interpreta o texto, atribuindo-lhe outro significante e, portanto, um outro significado (SOUBBOTNIK, 2002, p. 289).

No exemplo citado, é importante verificarmos que o problema epistemológico discorre diretamente no rigor do método, necessário para a referida parceria. Assim, na primeira situação, o trabalho de pesquisa do leitor estaria mais próximo da crítica literária, estando a psicanálise a serviço da literatura. Na segunda, o analista estaria mais próximo de pesquisas que, provavelmente, retornarão à clínica, e a literatura estaria a serviço da psicanálise e do trabalho do analista.

O uso da conjunção aditiva, unindo dois saberes, a uma só vez distintos e convergentes, é uma chave que engendra os atributos dos aspectos terminológico e metodológico do processo de leitura do texto literário na interseção com a Psicanálise. De qualquer modo, a não existência de uma literatura psicanalítica e nem de uma psicanálise literária, no contexto específico em que se situa a autora, ajuda-nos a perceber o quanto o nosso trabalho deve ser pensado, construído, reformado, se necessário.

O uso da locução “[Geografia] da Literatura”, assim como ocorre na já tradicional “História da Literatura”, é mantida no Brasil, pelo que se percebe, de maneira consensual, sendo que em língua francesa a inexistência desse consenso se dá por tensões que se explicam dentro dos campos linguístico, literário e histórico franceses e suscita alguns debates: a escolha entre *Histoire*

littéraire (História literária) e *Histoire de la littérature* (História da literatura) tem, portanto, a sua própria historicidade (LAFORGUE, p. 545).

Em torno dessa rivalidade terminológica, a variedade de tópicos que se envolvem no contexto da disciplina faria parte desse debate: biográficos, políticos e estéticos. Diante dessas e outras questões que eventualmente comparecerão, acreditamos ser útil refletir sobre uma terminologia adequada e que esteja em consonância com os rumos que as pesquisas entre geografia e literatura poderiam tomar no Brasil.

No encontro entre as duas disciplinas, é preciso atentar para a inutilidade de quaisquer tentativas de escolha pessoal de uma disciplina em detrimento da outra ou de anexação de um saber geográfico, supostamente transformado em teoria, ao texto literário. A geografia não seria, nesse contexto, nem mesmo uma teoria, mas parte de uma dupla convergência. Fluidez e interpenetração, observados os limites de cada objeto, deveriam ser as principais vertentes de análise.

Compreendemos nos Estudos Literários, portanto, que o ponto de partida deve levar em conta o necessário cuidado de não permitir que a Geografia, disciplina de certo modo estranha aos Estudos literários, se torne um saber infundado, o que lhe roubaria toda a potência. Ao mesmo tempo, ela tem igualmente nutrido certo interesse pela literatura, se considerarmos a via cultural que as une em seus interesses. Essa reciprocidade, amplamente discutida por Lévy (1997), deve primeiramente partir de uma dialética cujo processo confronta essas disciplinas pela distinção entre verdade científica e elaboração estética.

Na fronteira inicialmente erigida, a literatura é percebida dentro do campo das artes e a geografia na esfera da ciência. Entretanto, assim como o conjunto das ciências humanas, a geografia encontra algum abrigo na filosofia e nas letras, e seu método é essencialmente qualitativo, sobretudo após o surgimento da Geografia humana e cultural (LÉVY, 1997).

A literatura, por seu turno, é da ordem da expressão estética manifesta pela linguagem, existe no diálogo entre o imaginário e o real, absorve a problemática humana em infinitos aspectos e não tem compromisso com uma suposta verdade. Talvez, para alguns, ela pudesse ser pensada como uma pré-ciência. Mas a teia de complexidades, tecida pela linguagem, faz pulsar alguma hipótese científica. Olhando mais profundamente, a literatura se apodera da própria ciência, pois ela existe no plano em que a ciência se constituiu há poucos séculos, a saber, a imaginação (LÉVY, 1997, p. 27-44). Portanto, imaginação não é nem ausência de sentido e tampouco inexistência, mas um olhar sobreposto à superfície comum.

Para a exposição dos argumentos, trazendo à baila a discussão em seu caráter mais específico e as conclusões necessárias na tentativa de fomentar novos discursos e possibilidades de pesquisa, expomos a seguir o encaminhamento dentro de uma sequência mais ou menos lógica e, sobretudo, necessária. Nesse sentido, traçamos um paralelo entre as duas disciplinas — Geografia e Literatura — mediante o interesse crescente em cada uma delas, assim como algumas razões desse duplo interesse. Na medida da necessidade, convocou-se algum contexto, cuja finalidade é meramente ilustrativa.

Quanto aos argumentos apresentados, foram tomados como base os apontamentos feitos no trabalho de Michel Collot, principalmente os contidos em um dos seus mais recentes livros, *Pour une géographie littéraire* (2014), embora reconheçamos a necessidade de divulgação de alguns dos principais autores desse campo na França e o diálogo com outros pensadores francófonos ou lusófonos. A interseção entre esses saberes demandaria ainda uma compreensão da porosidade entre dois universos e disciplinas, a saber, as Ciências humanas e a Literatura. Em suma, não ficarão de fora os fundamentos históricos e as implicações metodológicas das relações entre a Geografia e a Literatura, a fim de que se possa refletir sobre as suas apostas epistemológicas.

É necessário esclarecer que o lugar de enunciação teórica deste trabalho encontra fértil terreno na pesquisa francesa, por uma escolha bibliográfica associada ao desenvolvimento de certa lógica em torno do método de análise ao longo do século XX. Há também que se considerar algumas terminologias, neologismos e nomes próprios, cuja proposta de tradução, de escolha pessoal, é mantida entre parênteses, a fim de facilitar a leitura.

LITERATURA E GEOGRAFIA: DIREÇÕES

Em tempos de mudanças de paradigma em torno dos espaços de vivência no mundo, consolidados cada vez mais em face da urgência — trabalho remoto, *home office*, eventos em rede e outros que apontam, provavelmente, para uma nova virada espacial — a literatura segue o seu curso, tanto na continuidade da produção escrita em livros quanto no aspecto de elasticidade de sua produção, lançando-se cada vez mais em outros recursos até então em mero desenvolvimento, sejam eles a participação do escritor na rede mundial, os *podcasts*, as produções cinematográficas, os audiolivros e tantos outros recursos que surgem como meio de preservação do texto literário.

Tais mudanças já apontariam para relações cada vez mais intrínsecas entre literatura e espacialidade, já que poderíamos considerar essa elasticidade e esses novos recursos como uma espacialização do próprio fazer literário. Todavia, a espacialidade como objeto de estudo na Literatura já possui uma idade e uma maturidade. Ou seja, o texto literário, em sua relação com a espacialidade, data de tempos anteriores às mudanças que hoje vemos diante dos nossos próprios olhos.

Ao mesmo tempo, não podemos negar que a insegurança de vida no planeta, as mutações na dinâmica geopolítica e o espírito ecologista como paradigma poderiam levar-nos a pensar que a dinâmica espacial tem

concorrido em pé de igualdade com o fluxo temporal, o que à primeira vista seria um ponto de observação.

Mas essa tendência, ainda que pertinente, não esgota as verdadeiras razões da aproximação entre esses dois objetos, pelo menos nesse caráter emergencial, levando em conta que o que se vem pensando já atravessa mais de um século como veremos posteriormente. Concomitantemente, não negaríamos a iminência de geografias que se discutem sobretudo em rede, tendo em vista que os fenômenos espaciais se popularizam de modo crescente.

Das primeiras narrativas de viagem, como *O livro das maravilhas* (1299) do viajante Marco Polo, passando pela *Ilíada*, que se segue pela escrita da *Odisseia*, de Homero, no século IV, a orientação para esse duplo olhar, na dialética entre escrita literária e espacialidade, já pode ser percebida por olhares cruzados entre o caráter literário e a perspectiva espacial desses textos. Uma nuance entre esses dois escritores suscita particular interesse: enquanto a obra de Marco Polo se insere no campo da literatura de viagem, privilegiando a experiência, ainda que mediante a subjetividade do autor, Homero se dedica à epopeia.

Ao olharmos atentamente para esses escritores e suas obras, perceberemos duas interfaces: Em Marco Polo, temos o homem de ciências, curioso e viajante. Em Homero, o poeta, o escritor. Quanto ao viajante (diríamos, talvez, hoje, o geógrafo), percebemos o reconhecimento do valor da escrita e o desejo pela literatura. O poeta, por sua vez, foi suficientemente sensível ao ter adentrado espaços, muitos deles imaginários, mas que sempre apontam para certo “fulgor”, criando o que Barthes (1968) chamou de “Efeito de real” (*Effet de réel*). Com isso, tanto no plano mórfico quanto metafórico, esse interesse entre as disciplinas de ambas as partes, a do cientista e do poeta, desenvolveu-se e se consolidou ao longo de séculos, transformando-se, por fim, em um vasto campo de estudos e de pesquisas.

Na esteira dessa lógica, que poderia ser apontada como uma metonímia da proposta aqui apresentada, serão esboçados alguns pontos que dariam indícios do funcionamento desse método de análise. Para isso, surge a necessidade de recurso à História, uma vez que a própria Geografia é por ela condicionada.

Há trinta anos, ou seja, a partir dos anos 1990, os trabalhos voltados para a dimensão espacial na obra literária começaram a se multiplicar, primeiramente na França. Segundo Collot (2014), uma enquete de teses defendidas desde a última década do século XX aponta para um aumento considerável dessas pesquisas.

Desse levantamento, alguns eventos mencionados merecem alguma atenção: os primeiros colóquios, organizados pela universidade de Angers, em 2003, e pela universidade de Tours em 2004, muitas formações em centros de pesquisas, como o *Centre recherche sur la littérature de Voyage* (Centro de pesquisa sobre a literatura de viagem), pertencentes à universidade de Paris 4 e de Clermont, o *Nouveaux espaces littéraires* (Novos espaços literários), realizado na universidade de Paris 13, o *Espaces humains et interactions culturelles* (Espaços humanos e interações culturais), pertencente à universidade de Limoges e o programa *Vers une géographie littéraire* (Rumo a uma geografia literária), organizado por Julien Knebuschs e o próprio Michel Collot. No Brasil, parece haver um crescente interesse do geógrafo pela literatura e, também, o inverso. Mas essa cartografia ainda ficaria incipiente no momento, reconhecendo que este trabalho está em construção e consolidação.

O reconhecimento da fragilidade diante de tal afirmação motivaria o geógrafo a um pensamento em linhas paralelas e em sentidos opostos diante da necessidade de recuo no tempo, ao perguntar-se pelas origens dessa relação do ponto de vista da concepção, amadurecimento e evolução dessa interface. Em primeiro lugar, devemos considerar que a literatura, por pouco mais de um século, foi legitimada por sua história por razões diversas.

Esse primeiro aspecto confirma, inclusive, a sobreposição do tempo ao espaço, considerando aqui a perspectiva de Bertrand Westphal (2000), segundo a qual o tempo e o espaço seriam matrizes da História e da Geografia, respectivamente.

Para esse autor, a quem devemos a criação do neologismo *géocritique* (geocrítica), cuja noção será desenvolvida mais adiante, a percepção dos espaços humanos tornou-se complexa, sobretudo nos tempos seguidos ao fim de Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1939 e 1945, cujos horrores dos massacres transtornaram a história do homem. Segundo ele, o ápice desse pesadelo teriam sido os hectares de terra demarcados por arames e a conseqüente manifestação do poder aterrorizante. Em um primeiro momento, isso teria levado a uma nova percepção do tempo, não tendo de imediato afetado a leitura do espaço, o que teria ocorrido mais substancialmente após os tratados de paz, algum tempo posterior ao fim da guerra.

Assim, pela necessidade de reconstrução das cidades destruídas, surgiu uma primeira reflexão sobre o espaço metropolitano. Diante disso, o autor considera que a arquitetura e o urbanismo teriam contribuído fortemente para a elaboração de um pensamento contemporâneo (WESTPHAL, 2000). Sobre o plano político, o autor afirma que a divisão do mundo a partir dos acordos de paz e, especificamente, do Acordo de Ialta, em 1945, teria funcionado como uma espécie de reflexo do Tratado de Tordesilhas de 1494.

Desta vez, porém, além da demarcação dos territórios ultramarinos, como no século XV, todo o conjunto de um planeta passa a ser cartografado. Surge pela primeira vez a transformação desses espaços em blocos que, por sua vez, surgiram de outras fragmentações. Nesses aspectos, os acordos de Ialta, segundo o autor, teriam suplantado de vez o Tratado de Tordesilhas (WESTPHAL, 2000).

A prevalência da temporalidade durante séculos manteve-se como um dos principais pilares da obra literária e foi responsável por um dos aspectos primordiais da análise literária moderna, tendo ainda contribuído para a

criação e manutenção da História da literatura. Em certo sentido, isso se deve à própria História como disciplina de primazia até o final do século XIX, cujo modelo era fundado na ideia de progresso linear e contínuo. Nesse aspecto, a Revolução Francesa tivera também um papel preponderante.

O surgimento do que podemos chamar de obsessão pela história eclodiu, portanto, diante da própria necessidade de registrar e de conservar certo passado: tanto a História da literatura quanto outras de caráter interseccional, tais como a História da arte ou da música, por exemplo, parecem ter sido aliadas à vontade de manter viva a flama do passado e consequente necessidade de registro, até mesmo porque essas artes se fixam, indissociavelmente, no tempo. Em vista disso, embora se tenha tratado do “fim da história” diante da emergência do fenômeno espacial, o que parece ter ocorrido é o declínio desse modelo em que se exaltava o pensamento ultrarracional do homem do Iluminismo eurocêntrico. Assim, “as tragédias do século XX e o fim das ideologias dão o golpe fatal nos velhos ideais modernos, obrigando a se repensar a história” (COLLOT, 2014, p. 16).

A partir de mutações no âmbito das Ciências sociais e de novas demandas de olhar sobre o planeta, ainda a partir do século XX, os tradicionais paradigmas, que serão mencionados a seguir, transformarão de vez certos modelos até então vigentes. De qualquer maneira, não podemos nos esquecer de que a própria Geografia só teria se constituído enquanto disciplina universitária no início do século XX (COLLOT, 2014, p. 07), o que nos motiva a perceber com cautela essas mudanças.

Privilegiar, segundo o autor, o espaço e a inspiração geográfica partiria, pois, da forte tendência da criação contemporânea. Assim como a História da literatura, as relações entre a Literatura e a Geografia se desenvolveram e se estreitaram até o momento em que, pela virada espacial nos anos 1970 e a virada especificamente geográfica, nos anos 1980, foram aos poucos adquirindo lugar de campo específico de conhecimento. Embora um pouco mais conhecida no âmbito das Ciências sociais, os anos 1970 também trarão

uma evolução dos gêneros literários e uma espacialização das formas poéticas e narrativas.

Como a Geografia é também uma ciência recente, não seria incorreto afirmar que a construção das novas formas literárias foi edificada em paralelo às novas perspectivas dos Estudos geográficos. Diante disso, haveria uma espécie de “espaçamento do próprio espaço”, que se torna visível não por uma simples demanda, mas por uma mutação do modo de ver o mundo, cujo sentido de habitat se torna primordial. De modo crescente, o interesse nas relações entre a literatura e o espaço residiria, portanto, em uma mutação epistemológica, afetando o conjunto das ciências humanas e da própria sociedade. Estas tornaram-se cada vez mais atentas, desde pelo menos há meio século, à inscrição das realizações humanas e sociais no espaço (COLLOT, 2014, p. 15).

À Geografia, é outorgado certo apanágio no âmbito das ciências humanas em geral, pelo salto qualitativo em relação à problemática espacial. À Literatura, novos olhares, a partir da interlocução dessa problemática pela via do imaginário poético. Esse viés parece suscitar questões cada vez mais relevantes, concernentes às representações do espaço que surgem nos entornos do texto literário. Nesse sentido, o texto literário parece, em suma, acompanhar as mutações do fenômeno espacial.

Não se poderia deixar de mencionar a relação mais específica entre o espaço e o tempo, sobre a qual trazemos, a partir dos Estudos Literários, alguma contribuição concernente à inserção da Geografia dentro da própria história. Na mesma medida que não poderíamos tratar do fim da história, Collot (2014) esclarece que não poderíamos afirmar que o espaço geográfico tenha sido ignorado, considerando neste recorte o contexto francês. Ao contrário, o espaço era levado frequentemente em conta pela própria História da literatura desde a Idade Média. Portanto, mesmo antes da unificação da língua francesa e de sua circunscrição dentro do território, já havia, ainda que de modo ausente, a noção de espaço geográfico.

Na Idade Média, por exemplo, a literatura evoluía de acordo com os dialetos e os lugares de produção, e o indivíduo, incluindo o escritor, era identificado por seu local de nascimento. Como as obras literárias circulavam de um lugar para outro, o seu conteúdo não refletia necessariamente a origem do escritor e, portanto, a sua história. Desse modo, a “Geografia literária”, segundo o autor, não se afastava do *close Reading*, ou seja, não se situava fora do plano de uma leitura sensível (COLLOT, 2014, p. 40).

Na atualidade, outras razões poderiam se apresentar diante da afirmação da potência geográfica em sua relação com a literatura. À medida que coloca em relevo o espaço e/ou as suas representações, a Geografia, que até então se consolidava somente como uma ciência, ramificou-se como um rizoma, encontrando-se com outros saberes. Essa faculdade seria uma necessidade de abrigo, em uma era marcada por imprecisões que se inscrevem, progressivamente, no modo de vida das sociedades. Produzindo-se aos poucos e de modo contínuo, tais incertezas deslocam velhos paradigmas e abalam as possibilidades de um futuro mais ou menos previsível. A insegurança é então agenciada pela militância diante das questões ecológicas, que passaram a fazer parte do nosso cotidiano e do nosso currículo. Em consequência disso, a virada espacial trouxe consigo novos olhares sobre o seu próprio tempo, não exatamente sobrepondo a problemática espacial à temporal, mas na promoção de uma dialética em que o “espírito científico” permitiria a possibilidade de um “espírito geográfico”, neologismo possivelmente mais próximo da nossa abordagem, ou seja, a partir dos Estudos Literários, em vez da tradicional “consciência ecológica”.

Vale acrescentar que, desde então, uma crescente sensação de vulnerabilidade parece acentuar o medo e produzir maior suscetibilidade diante de eventos tornados globais pela teia de informações, como é o caso das catástrofes naturais. Desse modo, as mídias, que formam a rede, alimentam as mídias sociais, que produzem informações em rede,

transformando cada um desses eventos em uma espécie de *leitmotiv*, cuja repetição só terá fim com outro evento catastrófico. Produz-se, por essa elasticidade, certa espacialização do discurso em um espaço, ao mesmo tempo, pouco circunscrito e, portanto, pulverizado e difuso. Assim, as múltiplas vozes que se cruzam nesse caráter de solidariedade acabam fomentando debates em torno dos fenômenos de natureza geográfica.

Nessa ampla escala de debates que, como podemos perceber, situam o espaço no centro dos mais diversos interesses, alguns permanecem como vetores, e aqui destaco as mudanças climáticas, que agregam tanto a grande maioria, partidária do aquecimento global antropogênico, o grupo minoritário, cético, os que a enxergam como confirmação profética do fim e, portanto, mediante uma visão apocalíptica, e tantos outros, o que difrata as opiniões. Em síntese, esses fenômenos afetam diretamente o olhar do homem sobre o espaço e a vida, tornada frágil, é reduzida a uma contingência. Reitera-se, diante de tais aspectos discursivos da rede, portanto, que o pensamento em torno da espacialidade pode revelar o seu caráter urgente, ao mesmo tempo em que mantém suas bases históricas.

LITERATURA E GEOGRAFIA: DIÁLOGOS

Diante dessa aproximação, como se dariam as representações do espaço na literatura e como poderiam ser percebidas? Em primeiro lugar, é preciso situar algumas noções, para, em seguida, compreendê-las a partir do texto literário. Assim fazendo, será possível esclarecê-las, tendo em vista uma abrangência tanto sociocultural como pre eminentemente textual, englobando-as na narrativa e na poesia.

No primeiro caso, Collot abre uma perspectiva a partir das novas abordagens de estudo da Geografia, segundo a qual o espaço geográfico não seria mais percebido de modo homogêneo e abstrato, a partir de uma perspectiva geométrica, mas diversificado e concreto, que seria o espaço da própria Terra" (COLLOT, 2014, p. 20).

O desenvolvimento dessa geografia a que chamamos de humanista teria se desenvolvido como modo de reação contra certa tendência à abstração. Éric Dardel (1889-1967), cuja revisão não seria possível neste texto, teria sido, segundo Collot, um de seus precursores, já que a partir de um pequeno ensaio filosófico, defende uma relação concreta que liga o homem à terra, resultando em uma *géographicité* (geograficidade) como condição espacial do homem nas sociedades. Ela traria o homem como modo de existência e se preocuparia com o seu destino. Por meio dela, a linguagem do geógrafo seria também a linguagem do próprio poeta (COLLOT, 2014, p. 20).

Quanto à terminologia propriamente dita — *géographie littéraire* — devemos a André Ferré (1904-1954) a tentativa de transformá-la em um verdadeiro método crítico, tal como afirma Collot (2014, p. 50). Trazendo para a discussão o próprio Ferré, o proferimento de uma conferência em 4 de setembro de 1953, ao longo da qual declara que a “Geografia literária” seria uma expressão, ao mesmo tempo, insólita e ambígua (FERRÉ, 1953), parece ser digna de aquiescência. Ele ainda admite que a geografia não seria mais do que a história no espaço, assim como a história seria somente a geografia contida no tempo (FERRÉ, 1953, p. 145).

Dentre os diversos pontos fundamentais de sua conferência, o autor defende que quaisquer fenômenos são sensíveis de se tornarem geográficos, desde que os consideremos do ponto de vista da geografia. Nesse sentido, o geógrafo seria, pela própria vocação, aquele que consegue abordar todos os objetos de conhecimento, não conhecendo fronteiras diante da própria curiosidade. Desse modo, tudo o que se pode localizar seria da ordem da Geografia (FERRÉ, 1953, p. 147).

Apesar da solidez de muitos dos seus argumentos, alguns pontos de sua abordagem podem ser relativizados ou, pelo menos, questionados, diante da evolução da Geografia enquanto ciência e disciplina desde então. Talvez sejamos mais ou menos sensíveis aos elementos e fenômenos geográficos.

Porém, essa aproximação não nos autorizaria a uma apropriação *latu sensu* da Geografia por razões que veremos a seguir.

Em contraponto com as noções basilares de Ferré, devemos pensar no perigo que corremos ao mergulharmos em uma obsessão tal a ponto de reduzir os Estudos literários em algo subserviente à Geografia, que permanece sendo uma disciplina diferente e, de certo modo, distante da Literatura (COLLOT, 2014, p. 09). Na mesma medida, a Geografia correria o risco de querer se contentar com descritores que apontem diretamente para uma análise topográfica do texto literário.

O fato de aproximarmos os dois objetos não nos autoriza a reduzi-los a um só, estatuto que nem o próprio Ferré (1953) reivindicou, mas, ao contrário, deve-se reconhecer e reafirmar as especificidades da própria Geografia. Isso poderia talvez esclarecer parte das incertezas sobre a possibilidade ou não do referente que interessa à pesquisa em Literatura para que sejam percebidas as abordagens metodológicas diferenciadas de cada uma.

Deve-se ainda pensar no caráter atribuído ao texto literário, cuja forma não existiria sem as suas qualidades metafóricas. Se adotássemos essa perspectiva, o trabalho poderia levar à frustração que, nesse sentido, levaria à "transposição de leituras, conceitos, noções e abordagens, transformando a geografia literária em uma espécie de anexo da Geografia cultural" (COLLOT, 2014, p. 10). O autor mencionado nos adverte ainda sobre outro eventual problema que poderia ser causado pela parceria entre as disciplinas: para evitar a busca frenética pelo referente ou, por outro lado, tornar-se servo do saber desconhecido, é preciso manter necessária distância entre uma geografia muito mais imaginária e poética e uma que aponta para os fenômenos reais, concretos e visíveis ou, ainda, uma mais crítica e outra mais descritiva. Portanto, "trata-se menos de estudar os referentes nos quais o texto se inspira do que as imagens e significações que ele produz" (COLLOT, 2014, p. 87).

Desse modo, o método de análise funcionária de acordo com o olhar e a escolha, seja pela abordagem do espaço em suas relações com os aspectos físicos, sociais, históricos e outros possíveis de serem estudados, pela noção de espacialização, que considera tanto a narrativa, a edição e até a língua de expressão do texto.

Na literatura contemporânea, a língua de expressão literária pode não ser a língua materna do escritor, o que apontaria para fenômenos que podem merecer atenção no campo da espacialidade, e disso tratarei ao final deste artigo. Enfim, essas representações poderiam ainda se concentrar em subcategorias, como a paisagem, desde a sua relação dinâmica entre os elementos que a compõem até um ponto de vista único, observável mesmo no poema mais abstrato. A paisagem, por exemplo, não se perdeu desde os tempos de urbanização e de crescimento das cidades, ao contrário do que se pensava, mas teria retornado a um estado de ligação entre o homem e o meio.

Na literatura, a experiência com o sensível, ou seja, com a poesia, por meio da paisagem, não só é possível, mas, também, abre infinitos horizontes, já que a estrutura do poema também permite um olhar horizontal. Essa categoria mereceria maior abordagem, mas não vem ao encontro deste estudo. Muitas fontes podem ser encontradas por pesquisadores brasileiros, cujos trabalhos desenvolvidos são absolutamente pertinentes.

LITERATURA E GEOGRAFIA: DESAFIOS

Estabelecidas as relações entre esses dois campos, importa-nos compartilhar três abordagens desenvolvidas a partir da moldura em que se construiu e se constrói a interface entre a Geografia e a Literatura, a saber, as abordagens geográfica, geocrítica e geopoética. Mais uma vez, serão adotados os critérios de classificação pautados no pensamento de Michel Collot (2014). Esse autor compreende que essas abordagens compreendem três níveis de análise. Ele as compara com a Linguística estruturalista,

afirmando que as três dimensões sobrepõem as três faces do signo linguístico: o referente, o significante e o significado.

Em sua concepção, portanto, as três dimensões de análise do espaço literário seriam de certo modo hierarquizadas, pois os laços com lugares reais, a construção de um universo imaginário ou de uma paisagem e a própria espacialidade do texto seriam distintos pontos de partida, do nível mais elementar ao mais complexo. Todavia, por meio da análise de cada uma delas, será possível perceber que a complexidade de cada uma delas deveria levar em conta as nossas escolhas.

O mais importante, talvez, seja reconhecer o olhar do leitor literário sobre a espacialidade e o do geógrafo sobre o texto literário como meio de percepção de novas dimensões sobre o sujeito, o mundo e o próprio texto. Assim, uma abordagem poderá complementar outra ou, de outro modo, a escolha por uma delas pode ser o caminho mais pertinente, dada a necessidade do próprio pesquisador.

A primeira dessas três dimensões, a abordagem geográfica, constitui-se de certo modo como medular, pois trata do encontro entre as duas áreas. Por essa via, o texto literário permaneceria mais próximo do documento geográfico. De caráter referencial e de natureza puramente geográfica, essa abordagem preconiza uma análise que deve discorrer pelo contexto de produção da obra literária, tendo em vista o meio de produção e as conquistas no mundo editorial, ou ainda por uma tentativa de cartografar tanto o espaço editorial quanto o humano, de autores e de leitores.

Podemos compreendê-la com base, por exemplo, na expansão do espaço de edições e de leitores ao longo da história. Além disso, ela permite recorrer à história como meio de compreensão de um fenômeno espacial. O Brasil colônia poderia ilustrar essa abordagem: com uma população pouco letrada ou precariamente instruída desde os primeiros anos da colônia, o país obteve pouco êxito na formação de leitores literários. Até meados do século XVIII, nossos escritores não eram desconhecidos, embora o seu ofício o fosse.

Com o terremoto de Lisboa, em 1755, a vinda da Real Biblioteca Portuguesa, hoje Biblioteca Nacional, mudou para sempre o perfil da população leitora. Ainda que a dificuldade de acesso à leitura permanecesse por consequência da dificuldade de acesso à educação, houve um salto favorável na formação de leitores, o que contribuiu, inclusive, para a nova estética romântica, absorvida pelos escritores que, finalmente, puderam entrar em contato com a Europa por meio do livro. Percebe-se com isso que essa espacialização corrobora a formação de outros espaços de divulgação do texto literário. Seria possível, por exemplo, já no texto, identificar os referentes espaciais dessas escritas e desses escritores, assim como a paisagem local do Rio de Janeiro nesse período. Porém, como afirma Collot (2014), a abordagem geográfica pura e simplesmente não seria talvez suficiente para se fazer um trabalho mais pungente entre a Geografia e a Literatura, pois o caráter descritivo e documental manteria o olhar no aspecto cartográfico.

Em seguida, há a abordagem “geocrítica”, que encontra em Westphal (2000) o seu criador e defensor do método. Por meio dessa, preserva-se o caráter estruturado da geografia, cujo ponto de vista permite enxergá-la como uma espécie de ato crítico. A abordagem geocrítica, para esse autor, sempre será de inspiração literária e os operadores espaciais, advindos da geografia, levariam a uma leitura do espaço em literatura. É então nesse sentido que o autor indica que é o texto literário que deve ser primeiramente visitado (Westphal, 2000).

A obra literária, segundo esse autor, deve ser vislumbrada sob olhar dos espaços humanos nos quais ela investe, uma vez que ambos sempre ocorrem por interação. Em um primeiro momento, a análise geocrítica percebe espaços humanos catalogados pela geografia. Entretanto, essa relação pode ser dificultada à medida que o espaço real acaba se diferenciando do espaço puramente imaginário, do qual a Geografia, enquanto ciência humana, não daria conta. Essa espécie de impasse se resolveria da seguinte maneira: para a geocrítica, os espaços humanos não poderiam se tornar

imaginários diante da criação literária, pois a literatura teria o papel de transformar espaços reais, humanos, em espaços imaginários, e jamais criar espaços inexistentes.

Assim, é a narrativa que os conduz a uma dimensão imaginária e em uma rede intertextual. Por essa razão, a geocrítica não se limitaria a uma relação de vetor único — do espaço à literatura — mas se estenderia a uma dialética: espaço, literatura, espaço. Em face disso, o espaço se transforma em função do texto que o assimilou. Nesse caso, não haveria coagulação de um espaço pré-existente no plano da realidade e um outro, de criação literária ou poética. Ou ainda, o espaço que é transposto pela literatura é o que influi sobre a representação do espaço real ou referencial (WESTPHAL, 2000).

Percebe-se então que a leitura do texto literário pela via da geocrítica preconiza uma dinâmica relacional entre a análise do espaço, de inspiração geográfica, e a crítica literária, ambas a serviço de uma espacialidade que se apresenta e que é representada, levando em conta o processo dialético entre os postulados geográficos e a criação literária. Os aspectos espaciais que surgem da leitura literária superam o princípio da coleta de dados ou da extração de saberes especializados porque provocam pontos de tensão. De inspiração deleuziana, ao que nos parece, o consórcio entre o estudo do espaço e do texto literário, para esse autor, se manteria em constante devir.

Apresentamos, por fim, a abordagem geopoética, empregada pela primeira vez pelos poetas Michel Déguay (1930) e Kenneth White (1936), logo, criadores do termo. Essa abordagem foi inicialmente reivindicada nos anos 1960 e 1970, e sua intenção era, pela criação desse neologismo, insistir na relação entre o mundo e a criação poética (COLLOT, 2014).

A geopoética, paradoxalmente, nasce em um momento em que a teoria e a prática literária corriam o risco de se separar e, por consequência, manteria o texto em completa autonomia. No entanto, foi retomando Friedrich Hölderlin (1770-1843) que se estabeleceu a noção de geopoética

pois, de inspiração heideggeriana, esse filósofo e poeta acreditava que o homem devia viver poeticamente. Diante disso, a lógica cartesiana, questionada em sua separação entre “coisa pensante” e “estendida” levou à busca de aniquilação do princípio estruturalista, cedendo lugar a um *continuum* da experiência do mundo com a da linguagem (COLLOT, 2014, p. 105-06).

Por esse caminho, é percebido que o poeta Michel Déguay foi quem provavelmente teria cunhado o neologismo geopoética, afirmação que se faz diante da crença do escritor na dimensão ética do poema. Kenneth White, por seu turno, apropriou-se do termo em 1979, debruçando-se e militando sobre a temática, levando às maiores consequências que pôde a sua luta, primeiramente pela criação do Instituto Internacional de Geopoética e em seguida pelo lançamento, em 1992, dos *Cahiers de Géopoétique* (Cadernos de Geopoética) (COLLOT, 2014, p. 105-07).

Proponho, para reflexão, os princípios de uma geopoética a partir de Kenneth White, por considerar não somente a sua dedicação à causa mais do que à pesquisa, mas também no intuito de mostrar que essas relações entre as disciplinas — Geografia e Literatura — mantêm fronteiras, ao mesmo tempo em que avançam no sentido cada vez mais humanizador de pensar o espaço em literatura. É possível que alguns de nós rejeitemos algumas abordagens ou, pelo menos, escolhamos alguma delas dentre todas as possibilidades, de modo a operacionalizar essa tensão entre liberdade e método dentro da interface geografia–literatura. Pode-se observar que o caminho até aqui percorrido partiu de postulados estruturados enquanto disciplinas universitárias ou acadêmicas, sempre em um jogo de tensões entre o rigor metodológico e a abertura de possibilidades de olhares cruzados entre as noções ligadas à espacialidade e ao texto literário. Já na última abordagem, a partir de White (2008), será possível perceber a tentativa de tornar amena essa imbricação.

O ciberespaço seria, hoje, um “lugar” de excelência para a propagação da poesia, já que esse gênero literário, cujo espaço textual é

mais ou menos curto, levaria a infinitas possibilidades. Esse parece ser o motivo que levou White a utilizar o ciberespaço para a popularização dos seus ideários. Na abertura de sua página, na Internet, o poeta afirma que a geopoética é, a uma só vez, uma teoria e uma prática. Ele ainda considera o seu caráter interdisciplinar e seria aplicável a quaisquer áreas da vida e da pesquisa. O poeta acredita no restabelecimento da relação do homem com a própria terra, que ele chama de relação Homem-Terra. Sua preocupação estaria então ancorada em uma nova perspectiva existencial.

Em seu texto inicial, White percorre a história humana, afirmando que a cultura, até então, fora fundada em mitos (a religião ou alguma metafísica), ao contrário do momento presente, em que tais mitos não teriam mais qualquer fundamento. É nesse sentido que o autor reivindica o lugar da poesia como possibilidade de construção de um novo mundo. Nota-se então que o poeta relaciona a sua criação à busca de uma espécie de “poesia-mundo”, e por isso comparamos o seu trabalho com um manifesto que parece percorrer o mesmo sentido.

Organizado por Michel Le Bris, o livro *Manifeste pour une littérature-monde* (2007) é uma espécie de documento organizado em capítulos críticos que pleiteiam a abolição das fronteiras petrificadas entre a Literatura francesa e as Literaturas francófonas. Trata-se de um manifesto de 28 autores, dentre os quais apresentamos abaixo uma breve abordagem do primeiro capítulo, que se debruça sobre as possíveis novas perspectivas da escrita literária, em uma espécie de abandono da lógica do Estado-Nação, que deveria agora se debruçar sobre as questões humanas, sem vínculo identitário nacional. Todas as questões discutidas no manifesto ganham um novo modo de ver a literatura no planeta, doravante em uma ininterrupta interconexão.

Nesse caso, esses escritores pretendiam também alcançar o ponto mais alto da noção de espacialização do texto literário, sem maiores preocupações com a identidade linguística ou os espaços de produção.

Percebe-se, portanto, que tais escritores preconizam os “espaços-mundo” em detrimento da identidade local.

O primeiro capítulo do livro foi escrito por Jean Rouaud (2007). O caminho feito por Rouaud passa pela leitura da Estrofe 3 de uma obra do escritor alemão Ernst Wiechert (1887-1950), *Grund und Blut*. Esse autor foi levado ao campo de Buchenwald, durante o período da Alemanha nazista, após divulgação dessa obra em Monique, em 1935. Rouaud menciona que desde os quinze anos de idade já tinha a impressão de que a obra não tratava, desde a época de sua publicação, de qualquer propaganda nazista e, neste caso, de qualquer tipo de apelo à resistência. Ela não tratava também de quaisquer apelos à nação que tentava se erigir sob o regime nazista. Para além desse limite, a obra de Wiechert apela a quaisquer povos que se sintam, segundo Rouaud, “eleitos”. O teor bíblico, litúrgico da sua escrita era, segundo o crítico, “uma folha solta do grande livro do mundo”, e não uma inscrição nacional da Alemanha daquele período. Rouaud, refletindo sobre a sua própria língua materna, o francês, acabou mudando o seu pensamento sobre o qual concebia até então uma língua francesa em vias de morrer (ROUAUD *et al.*, 2007, p. 11).

Com isso, o autor pretende demonstrar que a literatura, uma vez ancorada no território, desloca-se para uma relação de escrita. Ele então defende a ideia segundo a qual a literatura seria mais forte do que os seus pensadores, pois ela registra “abalos sísmicos do tempo”, os quais trariam benefícios para “as novas regras da sua poética”. (ROUAUD *et al.* 2007, p. 07). É possível notar na linha do seu discurso certo incômodo com o fluxo temporal como sinônimo de passado e, conseqüentemente, a exaltação da perspectiva espacial, sobretudo quando afirma que o romancista é comparado a um agrimensor do espaço (ROUAUD *et al.*, 2007, p. 19).

O manifesto pode ser compreendido, apesar do recorte linguístico específico, como uma metonímia apontando para possíveis encaminhamentos da literatura mundial face aos eventos e fenômenos que

continuam reconfigurando o planeta. A tentativa de apresentar, segundo os autores, a necessidade de quebra de fronteiras edificadas ao longo da Modernidade, não deixa de ser também um olhar sobre as mutações espaciais.

É nesse sentido que poderá ser percebido que nem mesmo a língua de escrita dependeria necessariamente da ligação do escritor com a sua língua materna. Nas Literaturas francófonas, por exemplo, torna-se mais comum que escritores oriundos de outras culturas escolham o francês como língua de escrita. Essa escolha pode ser pessoal, como é o caso do escritor Milan Kundera (1929), ou por razões ligadas às antigas colônias, como a poetisa Anissa Mohammedi (1967) que tem o berbere como língua materna, além de tantos outros oriundos da Argélia colonial.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, indagamo-nos, a partir da literatura, se os caminhos em direção a uma geofricidade dos Estudos literários permanecem pertinentes e em que medida isso se dá. O fato é que uma geografia associada à literatura necessita da relação entre o olhar e o método. Interpretar o texto em sua relação com o espaço seria, portanto, um olhar sobre si mesmo na relação com o meio. As abordagens aqui apresentadas não se esgotam em si, mas permanecem um dever. Ao mesmo tempo, o ponto de partida permanece sendo o texto literário, uma vez que as categorias específicas da Geografia precisam desse apoio. Isso não o coloca em grau de importância, mas o situa como ponto de partida. A fruição, sempre à disposição do leitor, permitiria a transposição a um olhar sobre a espacialidade e aos fenômenos identificáveis. Interessantemente, uma geografia associada ao texto literário pode ser um novo modo de conceber o espaço, tanto para o geógrafo, que nele encontra formas elásticas de perceber categorias e fenômenos, quanto para a própria literatura, que pode nos mostrar mais do que uma cartografia de escritores, escritas, sejam elas

narrativas ou poéticas, mas uma nova direção rumo ao vazio constante que é preenchido com o desejo de continuidade e de visão de um mundo mergulhado na dúvida e na incerteza.

Aqui, optou-se por adotar, em francês, o termo que, traduzido diretamente, desemboca em "geografia literária". Por analogia, no entanto, no Brasil não existe uma história literária, mas, sim, uma história da literatura e de quaisquer outras áreas, com pouquíssimas exceções. Enquanto disciplina, a Geografia literária é nova; como vimos aqui, algumas abordagens já estão sendo feitas no Brasil. Um breve olhar pelos textos na internet aponta que todos são unânimes em dizer "geografia literária". Mas, como tradutor, isso já se me caiu na dúvida no seguinte sentido: embora os dois termos sejam possíveis, o que se concebe é a ideia de disciplina no sentido acadêmico e não uma terminologia poética. Então, a tradução de "géographie littéraire" poderia ser também "geografia da literatura" ou, quem sabe, traduzida a uma forma coordenada entre os dois termos, "geografia e literatura", ou vice-versa.

Em um primeiro momento, parece que o que constitui a geografia na literatura são os operadores mais comuns daquela, como as noções de espaço, espacialidade, paisagem, atuando nesta, mas, como vimos aqui, já existem neologismos como geopoética e geocrítica, todos consolidados pelos franceses. Os eventuais problemas terminológicos em relação ao campo de estudos que engloba geografia e literatura, em que consiste essa geografia literária ou essa Geografia da Literatura poderão ser discutidos em outro artigo, à medida que esta pesquisa for avançando. Talvez o mais importante, hoje, seja compreender que a espacialidade emerge no texto literário como nunca, propondo-nos novas formas e novos modos de perceber a literatura e, nesse caso, o geógrafo é o principal convidado.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução: Leila Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BARTHES, Roland. L'effet de réel. **Communications**. Recherches sémiologiques le vraisemblable, n. 11, p. 84-89, 1968.

BROSSEAU, Marc. **L'espace littéraire en l'absence de description : un défi pour l'interprétation géographique de la Littérature**, 2008. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/029869ar>. Acesso em: 24 ago. 2020.

COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Paris : Editions Corti, 2011

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Celia P. Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, **Qu'est-ce que la philosophie**. Paris: Editions de Minuit, 1991.

FERRÉ, André. Le problème et les problèmes de la géographie littéraire. **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n. 6. p. 145-164, 1954. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1954_num_6_1_2056. Acesso em: 24 ago. 2020.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Montecristo, 2012.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

LE BRIS, Michel; ROUAUD, Jean (org.). **Pour une littérature-monde**. Paris: Gallimard, 2007.

LÉVY, Bertrand. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature : Position épistémologique et méthodologique. **Revue Géographie et culture**. Paris: L'Harmattan, 1997.

POLO, Marco, **O livro das maravilhas**. Tradução: Elói Braga Júnior Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

SOUBBOTNIK, Olga Maria M. C. Souza. A psicanálise e as letras. In: MORAES, Alexandre (org.). **Modernidades e pós-modernidades: literatura em dois tempos**. Vitória-ES: Edufes, 2002. p. 264-291.

WESTPHAL, Bertrand, Pour une approche géocritique des textes, in La Géocritique mode d'emploi, PULIM: Limoges, coll. **Espaces Humains**, p. 9-40, 2000. Disponível em: <https://sflgc.org/bibliotheque/westphal-bertrand-pour-une-approche-geocritique-des-textes/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

WHITE, Kenneth. **La Géopoétique**, 1936. Disponível em: <http://www.kennethwhite.org/geopoetique/>. Acesso em: 24 ago. 2020.